

Curso de Graduação em Educação Física

Licenciatura em Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso

**O CORPO MASCULINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA ANÁLISE EM PUBLICAÇÕES DA REVISTA
PENSAR A PRÁTICA**

Autor:

Alan James

Orientador:

Paulo Henrique Azevêdo

Brasília - DF

2019

O CORPO MASCULINO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE EM PUBLICAÇÕES DA REVISTA PENSAR A PRÁTICA

Alan James Campos Rodrigues

Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

Resumo

Este artigo problematiza as relações de gênero presente nos homens masculinos e femininos a partir de uma revisão bibliográfica realizada na revista Pensar a Prática. O objetivo foi fazer do ambiente da Educação Física Escolar um espaço de discussão sobre a masculinidade, ressignificar o que é ser homem e analisar como as formas de intervenções de professoras e professores acabam reforçando essa ideia de masculinidade. A pesquisa indica que esses docentes de Educação Física *não devem* trazer essa bagagem sexista para suas aulas, mas pelas manifestações dos corpos, contribuir mais efetivamente na *identidade* desses indivíduos.

Palavras chave: Performatividade de Gênero. Masculinidade. Educação Física e Treinamento. Identidade de Gênero.

THE MALE BODY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: AN APPROACH OF JOURNAL PENSAR A PRÁTICA

Abstract

This article discusses the gender relations present in male and female men based on a bibliographical review carried out in the magazine Thinking the Practice. The objective was to make the Physical Education class environment a space for discussion about masculinity, to reaffirm what it is to be a man and to analyze how the forms of interventions of teachers and teachers reinforce this idea of masculinity. The research indicates that the teachers of Physical Education should not bring this sexist baggage to their classes, but through the manifestations of the bodies, contribute more effectively in the identity of these individuals.

Keywords: Gender Performativity. Masculinity. Physical Education and Training. Gender Identity.

EL CUERPO MASCULINO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: UN ENFOQUE DE LA REVISTA PENSAR A PRÁTICA

Resumen

Este artículo problematiza las relaciones de género presente en los hombres masculinos y femeninos a partir de una revisión bibliográfica realizada en la revista Pensar la Práctica. Su objetivo fue hacer del ambiente de la Educación Física Escolar un espacio de discusión sobre la masculinidad, ressignificar lo que es ser hombre y analizar cómo las formas de intervenciones de profesoras y profesores acaban reforzando esa idea de masculinidad. Se concluye así que las profesoras y los profesores de Educación Física no deben traer ese bagaje sexista a sus clases, sino a través de las manifestaciones del cuerpo, contribuir más efectivamente a la identidad de esos niños.

Palabras-clave: Performatividad de Gênero. Masculinidad. Educación y Entrenamiento Físico. Identidad de Gênero.

Introdução

Será possível fazer do ambiente da Educação Física Escolar um espaço de discussão sobre a masculinidade? Um local onde se possa evidenciar e discutir a feminilidade presente em indivíduos do sexo masculino e as características ditas naturais dos homens? Posto que, observa-se um momento de desgaste social muito grande, e é por isso a necessidade de reeducar o olhar, a fim de ver o outro como outro modo de estar no mundo. Isso não significa ver o próximo como um aspecto negativo, mas apenas como diferente, o que traz o questionamento: e o que são os indivíduos se não diversos nas suas próprias singularidades?. Quando um indivíduo se dirige a outro por um adjetivo pejorativo, por conta de suas características físicas ou comportamentais, como vestimenta ou expressões corporais, por exemplo, isso diz menos sobre a sexualidade do sujeito e mais sobre a performatividade de gênero.

Para Butler (2012), o ato performático do gênero é a reprodução de um sistema de regras que produzem culturalmente o masculino e feminino. Afirma, assim, que os sujeitos são generificados por meio da norma, dessa maneira, para que uma pessoa seja considerada e construída socialmente como mulher ou homem, ela deve se expressar de uma forma específica por meio de gestos, comportamentos e atitudes que sejam consideradas femininas ou masculinas. Ainda mais, para alguns autores gênero, também pode ser definido como: aquilo que identifica e diferencia homens e mulheres, ou seja, gênero masculino e gênero feminino. Em outras palavras, aquilo que é *próprio* do sexo masculino e aquilo que é *próprio* do sexo feminino. E ao entender isso, surge a seguinte questão: existe algo próprio de ambos os sexos? De acordo com CONSTANCIO, HENN & POHL, o termo “gênero” é entendido como o diferenciador social das pessoas, levando em consideração os padrões históricos e culturais atribuídos para homens e mulheres. Entende-se, assim, que esse vocábulo é um conjunto de características construídas socialmente. São papéis masculinos (atribuídos aos homens) e papéis femininos (atribuídos às mulheres). Diante disso, utiliza-se o seguinte conceito:

No entendimento contemporâneo, gênero é definido pelas questões socioculturais de construção de indivíduos machos e fêmeas, sendo, portanto, uma construção social e histórica das relações e construções dos papéis sociais entregues aos homens e às mulheres, que criam masculinidades e feminilidades (CONSTANCIO, HENN & POHL apud PELISSARI; ALMEIDA, 2011, p. 3).

Papel social: é isso que define gênero. No momento em que o indivíduo nasce e cresce são dados papéis para que esse indivíduo sem ao sequer levar em consideração as suas singularidades. Cada indivíduo é único e não é porque um sujeito A gosta de jogar futebol, garotas ou MMA que todos os outros do mesmo sexo também devem gostar. Um indivíduo B do mesmo sexo que A pode gostar de vôlei, garotos ou dançar em frente a televisão e não tem nada de errado nisso. Essas construções sociais passam a englobar esses papéis masculinos (atribuídos apenas aos homens) e femininos (atribuídos apenas às mulheres). O homem deve ser másculo e qualquer manifestação que esteja fora dessa norma geral de comportamento desperta, na maioria das vezes, despreço, ódio e até violência. Mostra-se, então, a forte influência que o sexo biológico tem na vida dos homens. E mais, posto isso, pode-se afirmar que: o homem não nasce masculino, mas aprende a ser masculino.

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade (BOURDIEU, 2012, p. 64).

A história vai construindo a ideia de que passividade, delicadeza e principalmente submissão são características das mulheres, ou seja, femininas, já quando se diz respeito ao homem, tudo se resume apenas a uma palavra: *masculinidade*. Deve-se entender que, ao longo de sua formação, o homem foi levado a acreditar nisso, e se em uma situação hipotética, quando criança, um menino estivesse brincando com uma boneca e seu pai falasse “larga isso, isso é coisa de menina”, e esse menino perguntasse “por que?”, esse mesmo pai não saberia o motivo e responderia simplesmente “porque sim”. Toda essa ideia de masculinidade foi passada adiante sem ao menos ser questionada o “por que devo agir assim?”. E como afirma Francis (2007, p. 249), os próprios homens que se encaixam nesse padrão de masculinidade cobram de si mesmo essas atitudes masculinas e “... esperam de seus colegas atitudes “dignas de homens”.

...a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens" (BOURDIEU, 2012, p. 65).

Desde os anos iniciais de formação, são impostas, ao homem, ações de como se portar, como se vestir e do que gostar. Ao longo do processo de formação desse indivíduo, o “isso é coisa de menina” acaba fazendo com que eles neguem tudo aquilo que é associado ao universo feminino (ainda que alguns deles se identifiquem com tais aspectos), seja um esporte, uma brincadeira, uma cor, ou até mesmo gostar de outros homens.

Entende-se, portanto, que indivíduos homens se esforçam para encaixar-se em tal padrão de masculinidade e não se questionam o porquê fazem tal esforço, só simplesmente o fazem. Diferentemente do indivíduo homem feminino, que não só se fez essa pergunta, como também luta contra esses estereótipos de masculinidade e se auto reforça todos os dias pelo simples fato de ser o que é: feminino

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (BOURDIEU, 2012, p. 67).

Metodologia

Para esta revisão, foi escolhido a revista Pensar a Prática (ISSN 1980-6183) como base de dados para busca bibliográfica, que, segundo Bento (2012), oferece oportunidades para orientar e avaliar o conhecimento produzido em pesquisas sobre um determinado tema. Essa pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2018.

Como forma de trazer visibilidade e discussão acerca da masculinidade, a busca ocorreu nas edições e volumes publicados de 2012 a 2018. Como critério de inclusão o estudo deveria

tratar sobre o conflito de gênero *masculino* nas aulas de educação física. Foram excluídos os estudos que tinham (a) intervenção (*i. e.* causa e efeito) e (b) discussão feminista unilateral.

Quadro 1 - Fontes de sustentação para este trabalho.

Revista Pensar a Prática	Outros artigos	Livro	Total
9	7	1	17

Fonte: o autor

Desenvolvimento

Bourdieu afirma que inúmeras instituições, sobretudo as escolares, reforçam essa construção de homens, e mais, segundo Altmann, Mariano e Uchoga:

Gênero é pensado como uma construção social e relacional, na qual as diferenças biológicas existentes não são descartadas, mas parte de um processo mais amplo e complexo de produção de diferenças, do qual as instituições de ensino fazem parte (ALTMANN, H; MARIANO, M; UCHOGA, L. A. R, 2012, p. 272).

Desse modo, entende-se que essa construção da masculinidade é reforçada nas instituições de ensino por meio das vivências que são propostas de maneira diferente para meninas e meninos, e como afirma Altmann “...as possibilidades de experimentação oferecidas ao corpo são distintas, passando pelas vestimentas que cabem a um e a outro, pelos calçados, pelos brinquedos, pela forma de expor o corpo e construir o feminino e o masculino...”

A escola então:

...nega e ignora a homossexualidade, por supor que só pode haver um tipo de desejo sexual, qual seja, a heterossexualidade. Desse modo, a escola oferece poucas chances para que adolescentes ou adultos gays assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, ou seja, a escola, passa a ser, então, o lugar do desconhecimento em relação à sexualidade (OLIVEIRA, X. F.; GODOI, M. R; SANTOS, L. N, 2014, p. 5).

No trecho destacado da Revista Pensar a Prática fala-se em homossexualidade como uma forma errônea (vista pela sociedade e pela escola) de um homem ser, mas essa é só uma das *muitas* ideias desvinculadas do conceito de “ser homem”, pois, como afirma Prado: ser enquadrado enquanto homem ou mulher, masculino ou feminino é ser forçado a desenvolver determinadas práticas. É fato que são diversos os marcadores que também exercerão influências no processo de construção na identidade de um homem mas o *modo* desse homem se portar deve ser *visibilizado*, visto que, vimos que esses estereótipos acerca da masculinidade foram construídos socialmente, mas além de serem construídos pela sociedade, são também impostos por ela e acabam contribuindo para que muitos homens sofram diversas formas de violência e privações e isso começa na escola. E mais, essa discussão então se mostra ainda mais importante quando percebe-se que:

As exigências feitas sobre o sujeito masculino passavam despercebidas, até porque foram as mulheres que iniciaram um processo de reflexão e enfrentamento em relação aos padrões sociais (LIMA, F. M; DINIS, N. F, 2007, p. 250).

Não só os sujeitos são diferentes, mas os próprios homens também. A autora Goellner, citada na Revista Pensar a Prática, ressalta que é preciso entender que existem diferentes formas de viver as masculinidades e feminilidades, e isso precisa ser respeitado. É preciso, primeiramente, entender isso e em seguida ter a compreensão de que ser diferente não é ser desigual. Para a construção de uma sociedade com pessoas saudáveis, plenas, conscientes e felizes, é inegável a importância de se trabalhar a diversidade nas escolas, visto que, “...só quando a pessoa for capaz de se colocar no lugar do/a outro/a, este passa a perceber que todos/as possuímos o direito de sermos nós mesmos/as.” (OLIVEIRA, X. F; GODOI, M. R; SANTOS, L. N, 2014, p. 9).

Os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a diferentes classes sociais, mas, sobretudo, porque são produzidos também a partir de outros marcadores de identidade, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, etc (OLIVEIRA, X. F; GODOI, M. R; SANTOS, L. N, 2014, p. 2).

O corpo de um indivíduo não é só massa e osso, mas sim a junção dos mais diversos sistemas que está em um contexto e deve ser respeitado. As crianças não chegam na escola vazias, pelo contrário, trazem consigo bagagens resultantes de suas vivências e aprendizados, mas é nas instituições de ensino que o papel do professor se mostra fundamental. Fundamental na construção de mentes pensantes de modo a ensinar a respeitar às diferenças, visto que, qual o lugar com maior influência na construção da base de um indivíduo reflexivo e crítico se não a escola?

Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio (GOELLNER, S. V, 2010, p. 82).

Para isso, trabalhar as diferenças na Educação Física Escolar requer “...progressos, principalmente na formação inicial dos futuros docentes, a fim de que superem em suas aulas, argumentos sexistas de caráter biológico que se encontram embutidos em uma cultura machista e preconceituosa” (SABATEL, G. M. G; ALVES, S. S; FRANCISCO, M. V; LIMA, M. G. C, 2016, p. 196). E mais:

No caso da Educação Física é preciso que estas questões sejam colocadas efetivamente no âmbito da formação inicial dos professores, para que estes possam, a partir de um olhar crítico e consciente, problematizar a generificação das práticas corporais em seus espaços de atuação (CHAVES, P. N; ARAÚJO, A. C, 2015, p. 242).

Isto é, como ensinar o respeito às diferenças e à diversidade se os próprios docentes não sabem lidar com essa diversidade? Um estudo feito pela Xênia, Marcos e Luciene e publicado na Revista Pensar a Prática mostrou que de três professores de Educação Física, apenas um

mostrava sua opinião em acordo com as Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais. Um desses professores ainda chegou a afirmar que “não tem nada contra e aceita, mas considera fora do ideal” enquanto o outro afirmou que “respeita, mas acha que é doença”. Mais uma vez, aqui se fala de sexualidade, mas são *vários* os aspectos esperados de um homem, entre eles, o modo de falar, de andar, de vestir, de se portar e do que gostar também não podem estar “fora do padrão”. Assim, então, se mostra evidente uma educação do corpo que, segundo Rosana e Helena, “incide de forma diferente nos corpos de meninos e meninas e também nas experiências vividas por eles.” Essa educação do corpo, por meio de brincadeiras, já começa na escola, nas aulas de Educação Física e, segundo as autoras que publicaram na Revista Pensar a Prática, “A presença de estereótipos defendidos para cada gênero faz com que estas experiências sejam direcionadas para atingir expectativas construídas sobre o que é ser menino ou menina.” E ainda mais, esses mesmos estereótipos são também a causa do estranhamento em relação à presença de um professor homem na Educação Física Infantil.

De acordo com um estudo publicado na Revista por André Luiz dos Santos Silva, esse estranhamento é devido o “descompasso” entre o que é visto, aceito e esperado da sociedade em relação ao homem e pelo o que esse mesmo sujeito pode realmente ser. Ele mostra, por meio do artigo, que esse desalinhamento decorre da maneira como as masculinidades têm sido representadas historicamente (viril, forte, intempestiva) e pelas atribuições de um professor de Educação Física no Ensino Infantil (afetivo, paciente, maternal). Isto é, pelo fato de um homem, nessa sociedade, ter que ser viril e forte, causa estranhamento quando esse mesmo homem é afetivo, paciente e ou maternal. Ainda nesse artigo, o professor André Luiz dos Santos Silva chega a afirmar que, em dado momento, a própria escola, além de questionar sua presença na Educação Física Infantil, também justificou tal indagação pela “necessidade de uma referência masculina para as crianças”. Portanto, a escola acaba reproduzindo e reiterado esses conceitos negativos trazidos pelos estereótipos de masculinidade, e por meio desse discurso, acaba deixando isso ainda mais enraizado nas aulas de Educação Física desse professor. E como afirma Louro: “a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças”, e nas aulas de Educação Física, o corpo masculino passa a ser construído de forma ainda mais masculina. Sendo assim, as professoras e os professores de Educação Física *não devem* trazer essa bagagem sexista para suas aulas, visto que, “ser enquadrado enquanto homem ou mulher, masculino ou feminino é ser forçado a desenvolver determinadas práticas (PRADO apud SABATEL, G. M. G; ALVES, S. S; FRANCISCO, M. V; LIMA, M. G. C, 2016, p. 202).

“...podemos pensar então que as práticas escolares, como todas as outras, participam desse processo e, portanto, também imprimem no corpo de crianças e jovens disposições, atitudes, hábitos, comportamentos, que, num determinado momento e espaço social, são considerados como adequados à formação de meninos ou meninas” (LOURO apud LIMA, F. M; DINIS, N. F, 2007, p. 250).

E mais, em uma abordagem feita por João Paulo Fernandes Soares, Ludmila Mourão e Igor Chagas Monteiro encontrada na Revista Pensar a Prática, evidencia-se os:

Mecanismos e estratégias que fazem da Educação Física desenvolvida na escola e fora dela um campo que, ao mesmo tempo em que produz, hierarquiza e naturaliza corpos, imprimindo-lhes marcas de gênero e

sexualidade (DORNELES; WENETZ; SCHWENGBER, 2013 apud SOARES, MOURÃO, MONTEIRO, 2017, p. 1).

Uma vez que entende-se que a maneira masculina de um homem se comportar nada mais é do que o resultado do que lhe é ensinado e decorrência da *censura* que o mesmo sofre ao não se portar de tal forma. O profissional de Educação Física deve se atentar a isso e não reproduzir esse discurso machista em suas aulas e muito menos nas suas práticas de ensino. Dessa forma, a importância de, na postura de professora e professor, saber trabalhar, respeitar e entender o indivíduo na sua singularidade.

Ao abordar a desconstrução do homem neste trabalho de conclusão de curso, muitos questionam a relação que o tema tem com a Educação Física Escolar, e a resposta é: toda. A Educação Física traz consigo a construção dos corpos por intermédio das práticas corporais (como ginástica, lutas, esporte, brincadeiras e dança), e fazendo uso dessas mais variáveis formas de manifestações e representações dos corpos, ela pode contribuir mais efetivamente na construção de meninos e meninas. A linha pedagógica que tem por finalidade educar o indivíduo para a convivência social pode-se chamar de Sociomotricidade, a partir da vivência dessas práticas corporais de modo que o levem a refletir sobre o seu papel social. E assim devem ser as aulas de Educação Física Escolar.

Processo de socialização é o processo pelo qual uma pessoa aprende um papel social dentro de um grupo. Sabe-se que a atividade física e os esportes podem influenciar padrões de comportamentos em seus participantes por meio da vivência que ele proporciona e pela influência dos agentes socializantes que estão inseridos nessa prática. Agentes socializantes são os envolvidos no processo de socialização de um determinado indivíduo, como familiares e amigos (mas vale ressaltar que o professor é também um forte agente socializante). Esses agentes influenciam nos valores e nas atitudes, pois eles compõem os grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte e a partir de suas influências acabam mostrando padrões de comportamentos que são adequados àquele grupo. Nesse momento o ambiente seria a aula de Educação Física, o principal agente socializante: o professor, e o comportamento: educar o indivíduo a respeitar a diversidade existente na maneira de ser homem a partir das vivências motoras presentes na Educação Física Escolar. Como exemplo, pode-se observar que:

João, ao enfrentar discriminação dos colegas por se negar a jogar futebol, resistia individualmente a um estereótipo de masculinidade. Com o passar do tempo, porém, os colegas passaram não apenas a aceitar sua opção, mas a admirá-lo por ter assumido uma masculinidade diferente da hegemônica. Como se pode observar, mesmo que a imagem hegemônica de masculinidade na escola estivesse vinculada ao esporte, não se poderia descartar a existência de outras formas de masculinidade (ALTMANN, H, 1999, p. 168).

Como dito anteriormente, chama-se processo de socialização o processo pelo qual um indivíduo aprende um papel social dentro de um grupo e a ser respeitado e valorizado pelos demais. Assim foi com ocorreu com João, que por manter as suas atitudes coerentes com o que pensava, passou não só a ser respeitado, mas também admirado pelos demais colegas.

Considerações Finais

A produção do conhecimento sobre o corpo masculino nas aulas de Educação Física Escolar se depara com alguns estudos que tematizam a relação entre sujeitos e as práticas corporais. Estas práticas, em sua maioria, são sexistas demonstrando a presença, na Educação Física Escolar, do desprezo, recusa e ou estranhamento relativo às características não normativas de indivíduos do sexo masculino.

Com isso, as profissionais e os profissionais de Educação Física não podem se eximir de suas responsabilidades, se atentando então para essas questões de forma a não contribuir para o reforço e generalização desses preconceitos. E ainda mais, por intermédio das diferentes manifestações e representações dos corpos presentes das aulas, contribuir mais efetivamente com a construção da *identidade* de meninos. É usado aqui o termo identidade, porque não importa se o indivíduo homem é feminino ou masculino, dado que, não existe jeito certo ou errado de ser homem porque *diferentes masculinidades* são produzidas em um *mesmo* contexto social.

Referências

ALTMANN, H. Marias (e) Homens nas Quadras: Sobre a Ocupação do Espaço Físico Escolar, v. 24, n. 2, p. 157-173, jul./dez,1999.

ALTMANN, H; MARIANO, M; UCHOGA, L. A. R. Corpo e Movimento: Produzindo Diferenças de Gênero na Educação Infantil. Revista Pensar a Prática, v.15, n.2, abr./jun. 2012.

BENTO, A.V. Como Fazer uma Revisão da Literatura: Considerações Teóricas e Práticas. Revista JÁ, Portugal: Associação Acadêmica da Universidade da Madeira, n. 65, ano VII, maio 2012.

BOURDIEU, livro: A dominação Masculina, 2012, 11º ed.

CHAVES, P. N; ARAÚJO, A. C. Resistência Queer: Marcação do Território Gay no Cenário Heteronormativo do Esporte. Revista Pensar A Prática, v. 18, n. 1, jan./mar. 2015.

CONNEL, R. Políticas da masculinidade. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul. /dez., 1995.

Descritores em Ciências da Saúde: DeCS [Internet]. ed. 2017. São Paulo (SP): BIREME / OPAS / OMS. 2017 [atualizado 2017 Mai; citado 2017 Jun 13]. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>

DORNELLES, P. G. Do Corpo que Distingue Meninos e Meninas na Educação Física Escolar. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 32, n. 87, p. 187-197, maio/ago. 2012.

DORNELLES, P. G.; POCAHY, F.A. “Prendam suas bezerras que meu garrote está solto!” Interseccionando Gênero, Sexualidade e Lugar nos Modos de Subjetivação Regionais. Educar em Revista, Curitiba, Ed. Esp., n. 1, p. 117-133, 2014.

GOELLNER, S. V, 2010. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade, v.1, n.2, p.71-83 - Cadernos de Formação CBCE.

LIMA, F. M; DINIS, N. F. Corpo e Gênero nas Práticas Escolares de Educação Física, 2007, v.7, n.1, p.243-252.

LOURO, G. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. Pro-Posições, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

OLIVEIRA, X. F; GODOI, M. R; SANTOS, L. N. A Opinião dos Professores de Educação Física do Ensino Médio Sobre a Homossexualidade e a Homofobia na Escola. Revista Pensar a Prática, v.17, n.4, out./dez. 2014.

PELISSARI R; ALMEIDA M. A. B. O Gênero a Educação Física e o Esporte: Análise de uma Escola na Zona Leste de São Paulo. 2011, p. 3.

SABATEL, G. M. G; ALVES, S. S; FRANCISCO, M. V; LIMA, M. G. C. Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar: Um Balanço da Produção de Artigos Científicos no Período de 2004 a 2014 nas Bases do Lilacs e Scielo. Revista Pensar a Prática, v. 19, n. 1, jan./ mar. 2016.

SILVA, A. L. S. A Inserção de Homens Professores de Educação Física Infantil: Entre o Medo das Sexualidades Desviantes e a (Re)Produção de um Currículo Heteronormativo. Revista Pensar a Prática, v.21, n.2, abr./jun. 2018.

SOARES, J. P. F; MOURÃO, L; MONTEIRO, I. C, 2017, Resumo: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Org.). Educação física e gênero: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013 - Revista Pensar a Prática.

VIEIRA, R. M.; ALTMANN, H. O Brincar na Educação Infantil: Aspectos de uma Educação do Corpo e Gênero. Revista Pensar a Prática, v. 19, n. 1, jan./ mar. 2016.